

LAUREN
KATE

Autora da série *Fallen*

A
CANÇÃO
da
ÓRFÃ



OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA GALERA RECORD

Série Fallen

Volume 1 – Fallen

Volume 2 – Tormenta

Volume 3 – Paixão

Volume 4 – Êxtase

Apaixonados – histórias de amor de Fallen

Anjos na escuridão

O livro de Cam – Um romance da série Fallen

Série Teardrop

Volume 1 – Lágrima

Volume 2 – Dilúvio

A traição de Natalie Hargrove

Publicado pela Editora Record

A canção da órfã

A
CANÇÃO
da
ÓRFÃ

LAUREN KATE

Tradução de
Carolina Simmer

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kate, Lauren

K31c A canção da órfã [recurso eletrônico] / Lauren Kate; tradução
Carolina Simmer. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.
recurso digital

Tradução de: The orphan's song
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11872-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II.
Título.

19-61352

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

TÍTULO ORIGINAL:
THE ORPHAN'S SONG

Copyright © 2019 by Lauren Kate

Esta edição foi publicada mediante acordo com G. P. Putnam's Sons, um selo do Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11872-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



*Para Milo,
sempre comigo*



sumário



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

Agradecimentos

VENEZA
DEZEMBRO DE 1725

Em uma fenda ao norte do mar Adriático, sem qualquer lealdade a Bizâncio ou Roma, um império milenar afundava. Ninguém notava seu declínio, camuflado por séculos de riqueza e fama, assim como seus cidadãos, escondidos atrás de máscaras de *carnevale*.

Visualize-os em suas gôndolas, amantes erguendo os disfarces sob pontes para trocar um beijo. Imagine o senador pelos corredores do Palácio do Doge, votando sob a proteção do anonimato. E a menina no mercado, comprando alcachofras com a mãe, a fita preta de sua máscara balançando ao vento do verão.

Nos anos que antecederam a queda da república, este era o estilo veneziano: fazer mistério sobre tudo, esconder identidades e vidas, sem nunca prestar muita atenção no que jazia oculto. Por mil anos, Veneza resplandecera no centro do mundo mercantil, a joia do Mediterrâneo. Porém, quando as rotas de comércio mudaram, levando consigo o ouro, a cidade confundiu seu canto do cisne com uma canção de festa. Ela se esbaldou desenfreadamente. Veneza sempre estivera afundando; por que não vestir as máscaras por mais um dia e brindar a outro pôr do sol cor-de-rosa?

Mas não nas igrejas e nos hospitais, onde os disfarces eram proibidos. Na maioria dos dias, os doentes e os órfãos, os protegidos da Igreja, eram os únicos com rostos expostos pelas ruas da cidade.

Esta história começa em um orfanato, em uma noite solitária no bairro sonolento de Dorsoduro. Lá, na ala de enjeitados, uma menina de 5 anos estava deitada na cama, planejando sua fuga.



O inverno mais uma vez tomava conta da cidade, e uma ventania balançava a vidraça da janela com a lamentável vista para o prédio vizinho. Mesmo se Violetta pressionasse seu rosto contra o vidro, só veria uma janela acortinada, que ninguém jamais abriu.

Assim que as outras meninas dormissem, ela iria para o sótão. Atrás de caixas de roupas velhas e violinos quebrados, uma única janela alta se sobressaía aos telhados vizinhos. Violetta poderia observar Veneza se estendendo até o horizonte. Poderia ficar sozinha.

Esperou até que os últimos sussurros se tornassem respirações pesadas, aguardou a extraordinária quietude de três dúzias de crianças adormecidas. Havia um truque para manter a paciência enquanto esperava: mentalmente, explorava as ruas de Veneza. Vagava pelas pontes da cidade, piscando para o reflexo dourado e trêmulo do sol sobre o canal. Quando se concentrava, quase conseguia sentir o cheiro do mar.

Ela tivera quatro oportunidades de sair do orfanato, de caminhar pelas ruas de pedra em uma fila de órfãs para coletar donativos, entoar cânticos e orar para os santos. Violetta se agarrava àquelas memórias — gondoleiros cantando, artistas de rua jogando facas e engolindo fogo, aristocratas trajando máscaras brancas, todos tão diferentes das órfãs com rostos expostos que pareciam pertencer a uma espécie distinta. Como ela queria usar uma máscara.

As caminhadas sempre terminavam da mesma forma: com a abadessa mandando as meninas voltar para a Zattere, a ensolarada alameda de pedra golpeada pelo canal da Giudecca. Então elas apertavam o passo diante da estação dos *traghetto*s, onde os gondoleiros assobiavam sob as abas dos chapéus de palha. Depois

passavam direto pela entrada da ala oeste do prédio, pela cabeça esculpida de um menino órfão que marcava a porta do dormitório masculino. Em seguida, passavam direto pelas portas duplas centrais — a entrada pública, que se abria para um vestíbulo de pé-direito alto e levava diretamente à igreja. E, assim, imediatamente, chegavam à ala leste, onde a correspondente cabeça de uma menina órfã estava exposta sobre a porta do único lar que Violetta havia conhecido na vida.

Em sua imaginação, aquele era o momento em que se libertava, em que saía correndo pela *calle* estreita, desviando de vendedores ambulantes até encontrar uma solidão gloriosa.

Até deixar de ser órfã.

Mentalmente, ela vagava por uma ponte de pedra, seus passos eram barulhentos. Ela usava os saltos altos de madeira pintada de uma nobre dama. Estava de máscara. E embarcava em uma gôndola, o vento dançando com sua capa. Ela iria para a Giudecca, para um baile de máscaras em um dos *palazzi* majestosos do outro lado do canal.

Ou talvez fosse para um lugar ainda mais distante. Onde?

O que mais havia naquela cidade, na vida, que ela não tinha permissão para ver?

Sob as cobertas, Violetta passou o dedão sobre o calcanhar direito, onde um / azul e fino a marcava como uma pupila do Incuráveis. Aquela marca dizia ao universo que ela não tinha família, que não pertencia a lugar nenhum além daquele complexo murado, feito de pedras de Ístria, ao sul da cidade.

O Incuráveis fora construído em torno de um grande pátio quadrado, com uma igreja alta no centro. Depois da Basílica de São Marcos, a *chiesa degli Incurabili*, a igreja dos Incuráveis, era a casa de adoração mais famosa de Veneza. Apesar de ter recebido seu nome perturbador no século XVI, devido aos moribundos com sífilis que abrigava na enfermaria do primeiro andar, a instituição acabara se tornando um dos quatro hospitais renomados, devido a um objetivo mais alegre: educar órfãos em um conservatório musical.

Lá dentro, meninos e meninas eram desconhecidos um ao outro. Não havia apenas entradas separadas por gênero, mas também

mundos separados: quartos, salas de jantar e de estudo em lados opostos do segundo andar do complexo. Os meninos cresciam e se tornavam aprendizes; não precisavam aprender música. Mas, para manter as meninas fora das ruas, elas eram ensinadas a cantar e a tocar instrumentos para a igreja. Com o tempo, suas apresentações enchiam o bolso da instituição, e o dinheiro pagava os melhores compositores para orientar a próxima geração de meninas mais talentosas. O Incuráveis era feito de música — a melhor da cidade e, portanto, do mundo.

Violetta amava música. Seu coração batia em compasso com os concertos sagrados que ecoavam pelas paredes do quarto, mas ela também ouvia o mistério silencioso de suas origens todos os dias. Dois dias após ter nascido, fora abandonada pela mãe. Ninguém sabia de onde ela viera, quem a deixara ali, nem sob quais circunstâncias. Desde muito jovem, a menina entendera que seus cuidadores — o padre e a abadessa; a cozinheira e o boticário; até as benevolentes *zie*, “tias” recolhidas no convento, outrora também enfeitadas — a viam apenas como uma obrigação.

As outras meninas buscavam a afeição das *zie*, mas Violetta não conseguia fingir vínculos. Ela precisava de comida, de aconchego e de um abrigo tanto quanto qualquer outra criança, mas queria amor — amor de verdade, ou nada. Aquele desejo a contagiava como uma doença. E não parecia haver cura.



Finalmente: um pouco de silêncio no quarto. Pela cadência da respiração das outras meninas, o ouvido treinado de Violetta detectou que elas, enfim, haviam dormido. Ela se levantou da cama. Os pés descalços não fizeram nenhum som no mosaico frio de azulejos enquanto caminhavam para fora do quarto, desciam o corredor escuro e subiam a escada.

A menina se fechou no sótão, esfregou as mãos nas coxas para se aquecer e foi verificar seus tesouros sobre o peitoril da janela: o

soldo de prata que um padre de Roma que visitara o orfanato deixara cair; a pena de pavão soprada contra as paredes; a tigela de mel lascada, feita de porcelana, que a cozinheira descartara e que havia muito fora completamente lambida (mesmo assim, ela enfiava um dedo lá dentro todas as noites, sugando a lembrança da doçura). E sua posse mais preciosa, Letta.

Violetta resgatara a boneca das águas frias do canal atrás do orfanato. Alguns meses antes, as órfãs voltavam de uma caminhada para angariar donativos quando ela viu uma menina em um casaco de renda com resplandecentes bordados dourados discutindo com a mãe por causa de um doce. Tomada pela raiva, a menina simplesmente *soltou* a boneca. Antes que qualquer pessoa conseguisse perceber o que estava acontecendo, Violetta já a havia resgatado da água.

Decidira batizar a boneca de Letta, uma abreviação do próprio nome — apesar de nunca ter ganhado um apelido. No sótão, com a boneca apertada junto ao peito, ela se pressionou contra a janela e sentiu a noite fria lá fora. Sua respiração embaçou o vidro enquanto ela ficava na ponta dos pés para observar a vista.

A água fazia a noite parecer mais obscura, e uma variedade de telhados de terracota, inclinados em todos os ângulos, se estendia ao longe, até uma distância que ela nem conseguia imaginar. Violetta queria esticar a mão e tocar as videiras que subiam pela treliça da varanda vizinha. Queria explorar cada ruela estreita até chegar ao mar. Em algumas noites, tentava contar as gôndolas pretas balançando no canal. Em outras, encarava a água até os olhos lacrimejarem.

A cidade estava escura, e excepcionalmente silenciosa. Era o começo do Advento, duas semanas em que o *carnevale* fazia um intervalo para o Natal, talvez para deixar Veneza recuperar o fôlego. Não havia óperas nem bailes. A missa do Incuráveis atraía mais pessoas que o normal, porque as igrejas dos quatro *ospedali* eram os únicos locais na cidade onde se ouvia música. Naquela noite, os foliões mascarados — frequentadores assíduos da Zattere — haviam desaparecido. As *calli* estavam vazias. Quase vazias.

— Lá está ele — arfou a menina.

Na Zattere, um homem de tricórnio se aproximava. Era seu artista de rua favorito, caminhando, atravessando a ponte, agora descendo a alameda. E, ao lado dele, vinha um cachorrinho malhado, a quem Violetta batizara de Giacomo.

— Você acha que ele teve um bom dia? — perguntou ela a Letta.

Como seria se apresentar em uma enorme *piazza*, a voz ecoando pelos prédios, sentindo a multidão se aproximar? Aonde um homem assim iria à noite? Será que levaria Giacomo a uma das tabernas que ela observara, desejosa, pelas frestas das portas fechadas em suas caminhadas?

— O que você pediria em uma taberna, Letta? Conhaque? — A menina franziu o nariz, pensando no copinho horrível que a abadessa levava para o quarto toda noite. — Eu pediria *acqaioli*.

Ela não sabia o que havia na bebida que escutava as damas aristocratas pedindo na calçada das cafeterias, mas adorava seu brilho opalescente e a forma como as mulheres erguiam as máscaras apenas o suficiente para levá-la aos lábios. Imaginava que *acqaioli* fosse como a chuva de uma nuvem adocicada. Algum dia, ela provaria a bebida.

Quando o homem e o cachorro saíram de seu campo de visão, Violetta suspirou.

— Eles vão voltar amanhã — garantiu a Letta, querendo atravessar a janela, pular para a rua e correr atrás dos dois para fazer carinho nas orelhas de Giacomo e sentir seu focinho entre os pulsos. Nunca havia encostado em um cão.

Mas, então, uma canção — uma voz feminina — chamou sua atenção para a *calle* abaixo da janela. Violetta se inclinou para a frente, observando a escuridão. Ela ouvia música o tempo todo, mas aquela era diferente. No Incuráveis, as órfãs cantavam para se comunicar com Deus. Mas aquela canção a aproximava da cantora, não do Todo-Poderoso.

Em tom e volume baixos, a canção soava como um segredo. Não era como a cantiga assobiada pelo artista de rua nem como a barcarola atrevida dos gondoleiros. Aquilo era amor e tristeza, unidos de tal maneira que Violetta mal conseguia respirar.

Quando localizou a cantora sob o luar, a menina arfou. A mulher se dirigia para a roda.

Para quem estivesse caminhando pela *calle*, a roda parecia algo discreto, metade de um cilindro de metal enferrujado que se projetava para fora do muro, na parte oeste do prédio. Porém, se você puxasse a pesada alavanca de ferro para girá-la, revelaria uma plataforma de madeira, tão pequena quanto o espaço formado pelos braços esticados e unidos de Violetta. Do outro lado, a roda se abria para a cozinha, onde seu conteúdo seria descoberto pela cozinheira, que acordava cedo para acender a lareira.

A menina já ouvira histórias sobre o que costumava acontecer antes de a roda ser construída. Bebês abandonados eram encontrados congelados, com a pele azulada, do lado de fora dos portões ao nascer do sol. A roda permitia que as mães deixassem os filhos protegidos da chuva e do vento. Seria possível se manter anônima — e a criança, viva.

Violetta fazia aniversário no início de fevereiro. Ela sabia que estaria morta se não fosse pela roda. O dispositivo a atormentava, mas, em todas as noites que ficara espionando do sótão, nunca o vira ser aberto. Agora, a cantora se aproximava e ficava de joelhos. Seu rosto não estava coberto por uma máscara, apenas por uma capa, sob a qual havia um volume. Um bebê.

Não, implorou Violetta para a mulher. Era impossível não pensar na própria mãe diante da roda.

A cantora abriu a capa, e a menina ficou chocada ao ver que a criança não era um bebê. Uma onda de alívio a inundou. Um menino daquele tamanho não caberia lá dentro. A mãe seria obrigada a mudar de ideia.

A canção ficou mais alta. Agora, era possível ouvir as palavras.

Eu sou sua, você é meu...

Os dedos da mulher afastaram o cabelo louro dos olhos fechados do menino. Então passaram por seus ombros, seus

cotovelos, desceram para as mãos. E as seguraram. Os batimentos no peito de Violetta se aceleraram, e ela invejou aquela criança por receber tais carinhos, apesar de saber que seriam breves.

Lágrimas brilhavam nas bochechas da mulher. Sua voz falhou, mas ela continuou cantando, virando a face antes de sua tristeza molhar a pele do filho. Então ergueu o rosto para o céu, e Violetta a viu. Memorizou o nariz pequeno e reto daquela mãe, as bochechas redondas, os lábios. Uma pedra grande pendia de seu pescoço, presa por um colar. Ela era linda. Sua expressão estava tomada pela vergonha.

A mulher virou a alavanca da roda para o lado, deitou o menino no círculo de madeira, dobrou os joelhos dele contra o peito. Esfregou seus pés de leve, depois com mais desespero, como se fosse impossível aquecê-lo o suficiente. O filho continuou dormindo.

Violetta ergueu Letta até a janela, paralisada de horror, incapaz de desviar o olhar enquanto a mulher virava a roda. Quando o dispositivo emperrou, ela pressionou os ombros do filho, empurrando-o para dentro com tanta violência que a menina ficou chocada com a cena.

— É o que as mães fazem — disse Violetta. — É assim que as mães são. — Suas mãos tremiam enquanto ela colocava a boneca novamente no peitoril e encontrava o reflexo dos próprios olhos no vidro. — Nunca se torne mãe.



— Violetta!

A garota se virou, dando as costas para a janela de seu quarto, para a gaivota empoleirada sobre o telhado de terracota da casa vizinha. Estava torcendo para que as asas decolassem e abandonassem aquela ruela cheia de sombras. Se ela fosse um pássaro, estaria sobrevoando o oceano. Nunca pousaria no mesmo navio mais de uma vez.

Lá fora, a manhã de setembro era tão brilhante, e seu pedaço de céu, tão azul, que, ao deixarem a janela, seus olhos levaram um instante para conseguir enxergar a silhueta ofegante parada à porta.

— O que foi, Laura? — perguntou ela, liberando espaço na cama para a amiga. As duas tinham 16 anos. Eram vizinhas, compartilhavam a parede que havia entre seus quartos individuais no segundo andar desde que saíram da ala infantil, aos 10 anos. — Ora, pare um pouco para recuperar o fôlego. Aprenda com a gaivota preguiçosa.

Mas não era do feitio de Laura parar para recuperar o fôlego. Ela ficava preocupada com todo detalhe, desde a possibilidade de uma tempestade arruinar uma festa até o que poderia acontecer com os ovos de um pardal, se a mãe engolisse um caco de vidro. Preocupava-se com o suor nas mãos enquanto tocava uma

composição difícil no violino, secando meticulosamente a madeira com um pano de linho para que não empenasse. Preocupava-se com a melhor maneira de se destacar entre as outras violinistas do conservatório. Preocupava-se muito em ser promovida para o coro, e preocupava-se por Violetta não se preocupar o suficiente em ser promovida também. Nunca perdia a oportunidade de lembrar à amiga que só havia 33 vagas no coro, menos da metade do total de alunas do conservatório. A cada ano, apenas algumas vagas ficavam disponíveis, conforme as coristas mais velhas se casavam ou se recolhiam em conventos.

Laura se preocupava com os exercícios vocais de Violetta e com as partituras de seus libretos — com frequência largadas pelo chão. Com o passar dos anos, Laura se aperfeiçoara em inventar desculpas para a abadessa quando a amiga se atrasava para uma aula, mas jamais deixava de se preocupar com a possibilidade de que ela fosse expulsa. O relacionamento das duas era um dueto: quanto mais Laura se preocupava, mais Violetta lhe dava motivos para isso.

Não que Violetta fosse despreocupada; era Laura que a via assim. Laura remoía tanto suas preocupações como a amiga tentava fugir das próprias. Era por isso que Violetta passava tanto tempo na janela, se imaginando do outro lado do vidro.

Laura prendeu uma mecha solta no seu grande coque.

— Bem, você não sabe da notícia.

— Que notícia?

Violetta não sabia quanto tempo havia passado na frente da janela. Isso acontecia nos dias em que tinha o sonho.

A roda, a mulher. Aquela música. Onze anos haviam se passado desde a fatídica noite, mas ela se lembrava de descer a escada, correndo na escuridão, como se fosse ontem. Ninguém mais sabia que ele estava lá, preso. Ela era a única pessoa que podia ajudar. Nunca tinha chegado tão perto do corpo desconhecido de um menino. Ele ainda dormia quando ela o puxou para fora da roda.

Anos depois, Violetta entendera que a mãe devia ter drogado o filho. Que ele nem ouvira a canção.

Sempre que ela sonhava com aquilo, passava o dia calada e pálida. Era difícil cumprir as tarefas rotineiras: acordar ao nascer do sol, rezar em voz alta seguindo a ordem que sabia de cor — primeiro o Ângelus, depois uma oração pela supressão das heresias, uma pela devotíssima república, outra pelos benfeitores e pelos *governati* do Incuráveis, e assim por diante — da mesma forma que todas as outras vozes sussurrantes nos quartos à esquerda e à direita do seu.

Antes da missa, Violetta tomava seu desjejum de mingau e leite enquanto o quadril largo da abadessa passava entre as mesas de madeira áspera, declamando as leituras sagradas em um sussurro cáustico, desafiando qualquer uma das pupilas a fofocar ou rir. E então a manhã era preenchida com três horas de aulas de música — primeiro com o conservatório todo, depois com um grupo menor de cantoras e, então, finalmente, com sua professora particular, Giustina.

A bela Giustina tinha 24 anos e era a primeira soprano do coro. Era conhecida pelos moradores locais e além dos limites da República de Veneza como *bella voce*. A cidade recebia turistas da Europa inteira que pagavam caro para ouvi-la cantar. No verão anterior, Violetta ficara bastante surpresa quando a moça a escolhera como uma de suas duas alunas. A jovem ainda não entendia o que Giustina tinha visto nela, mas a generosidade paciente de sua *sottomaestra* a inspirava a se esforçar ao máximo.

No momento, ela deveria estar revendo as últimas correções em sua partitura, treinando a modulação da voz e os *passaggios*. Giustina a reavaliaria mais tarde, antes da *compline*, a oração do fim do dia. Mas ela nem olhara para as folhas. Assim que conseguiu se isolar no quarto, seguiu para a janela a fim de sentir o calor do outro lado e deixar a mente vagar.

A canção do sonho a assombrava com aquelas palavras que jamais conseguira cantar em voz alta.

Eu sou sua, você é meu...

A música se tornara sua. Mas a quem ou ao que se dirigia? Às vezes, Violetta ainda pensava no menino que tirara da roda naquela noite. Antes de deixá-lo perto das brasas da lareira da cozinha, encolhido sob uma toalha de mesa dobrada, ela descobrira uma pequena pintura presa em uma de suas mãos.

Era metade de uma pintura, na verdade, um pedaço fino de madeira cheio de farpas por ter sido partido ao meio, na diagonal. Estava pendurado em um cordão quebrado, como se fosse um pingente. E exibia uma mulher nua. Metade de uma mulher. Rosto, seios e barriga cobertos por uma cascata de cabelo louro ondulado, da mesma cor dos fios do menino. Olhos escuros fitando algo ao longe, a boca aberta contra o céu azul, em meio a uma canção.

A mãe do menino provavelmente ficara com a outra metade. A maioria dos órfãos do Incuráveis tinha algum tipo de recordação — parte de uma pintura ou um retalho de pano estampado —, provas de uma conexão, para o caso de o destino decidir juntar mãe e filho algum dia.

Violetta não tinha nenhuma. Não acreditava nessas fantasias.

O cotidiano dos meninos e das meninas no Incuráveis era tão separado que ela nunca mais vira o garoto. Não queria vê-lo, apesar de ele jamais sair de seus pensamentos. Aquela música a assombrava, dava voz à parte de si que mais desejava ignorar — o fato de que alguém fizera o mesmo com ela. Violetta esperava que ele não tivesse nenhuma recordação de ter sido abandonado, que nunca se lembrasse daquela noite. Era bem provável que, àquela altura, ele já tivesse saído do orfanato para trabalhar como aprendiz em algum lugar da cidade.

— Violetta! — Laura segurou o braço da amiga. — Porpora voltou.

Ela levantou com um pulo.

— Por que você não disse antes?

Naquele ano, o Incuráveis contratara o famoso compositor napolitano Nicola Porpora como maestro do coro. Era ele quem determinava quais meninas seriam promovidas ou não. Até mesmo as alunas mais jovens, meninas pequenas, de 6 anos, se empertigavam e baixavam a voz ao mencionar seu nome.

As escolhidas para o coro passariam anos trabalhando intensamente com o brilhante e nervoso compositor, apresentando-se com regularidade para plateias deslumbradas. As coristas tinham folgas, saíam do orfanato com mais frequência, faziam refeições melhores, tomavam bons vinhos. Algumas recebiam cartas de venezianos ou turistas europeus importantes, que viajavam só para vê-las cantar. Uma parte dos generosos ganhos dos concertos era separada em um dote especial.

As moças que não entravam para o coro se tornavam *figlie di comun*, as mulheres comuns do orfanato. Trabalhavam como enfermeiras, tratando dos sífilíticos no primeiro andar, ou cuidavam de tarefas domésticas, lavando roupa e confeccionando passamanaria, costurando e tingindo casacos grossos de lã no tom inimitável de azul-cobalto do uniforme do orfanato. Algumas se tornavam *zie* e cuidavam dos órfãos. As *figlie di comun* trabalhavam para o Incuráveis até completarem 40 anos, quando entravam para um convento. A única outra possibilidade de sair dali era ser vendida como criada. Mas a pior parte era que a música simplesmente parava. Se você se tornasse *figlie di comun*, todas as oportunidades de ensaiar ou de se apresentar desapareciam.

A ideia deixava Violetta horrorizada. Aquelas meninas não conheciam nada além de música. Elas precisavam perder até isso? Ela e Laura haviam jurado que não aceitariam tal destino. No fundo, Violetta suspeitava que as duas sabiam que Laura não encontraria problemas, mas ela, com sua tendência a sonhar acordada, talvez não conseguisse se classificar.

O maestro passara agosto inteiro e metade de setembro no exterior. As aulas ficaram mais tranquilas em sua ausência, mas, agora, seria diferente. Porpora permaneceria no conservatório durante todo o outono, durante o festival do *carnevale*, quando o coro se preparava para a temporada de apresentações mais importantes, o Advento. Para as duas garotas, e para cada uma das 62 órfãs no conservatório, o retorno do maestro significava que chegara a hora da prova de fogo.

— Achei que ele voltaria na próxima semana — confessou Violetta.

— Ele voltou antes — explicou Laura. — E quer nos escutar. Na galeria.

— Na galeria?

Era lá que as coristas se apresentavam. Violetta já fora à antessala muitas vezes, para buscar partituras para Giustina, mas nunca botara os pés no enclave especial com vista para a igreja inteira, protegido por uma grade dourada. As alunas do conservatório ensaiavam em uma sala abafada e sem janelas acima dos aposentos do boticário. O lugar fedia ao chá de guaiaco que era preparado para os sífilíticos do andar inferior.

— Você já está atrasada — argumentou Laura — e não vai sair desse quarto com o cabelo assim.

— O que há de errado com o meu cabelo?

Violetta puxou a trança grossa e escura que batia em sua cintura. Não havia espelho no quarto. Ela nem lembrava quando fora a última vez que penteara as madeixas rebeldes.

— Vou dar um jeito nele — afirmou Laura, se colocando atrás da amiga, subindo sobre a cama barulhenta, a ponta dos sapatos roçando as coxas de Violetta. — Comece a se aquecer. Com as escadas. E, *Madonna*, coloque suas meias!

Violetta esticou as meias de lã ásperas sobre as pernas, prendendo-as acima do joelho com uma fita. Ela resmungou quando a amiga desfez sua trança de dias, desembaraçando enormes nós.

Enquanto os dedos de Laura ajeitavam e penteavam os fios, Violetta se empertigou e respirou fundo, estava uma pilha de nervos. Então puxou a língua, usando os dedos para esticá-la enquanto cantava três oitavas de escadas, como Giustina lhe ensinara.

— Quando você cantar — orientara a *sottomaestra* —, pense no que quer dizer ao mundo.

Quando Violetta cantava, ela mal se sentia confiante o suficiente para querer ser ouvida, que dirá passar uma mensagem. Era difícil imaginar que o mundo a escutaria.

Ela lançara a pergunta de volta para a professora.

— O que *você* quer dizer ao mundo?

Giustina pressionara as mãos contra o peito e suspirara.

— *O amor está aqui.*

Os olhos de Violetta haviam se enchido de lágrimas, pois ela acreditava que não havia maior aspiração para uma cantora. E também porque se sentia completamente perdida. Ela jamais conseguiria cantar algo tão corajoso e essencial. Queria ver e ouvir e se inspirar com o mundo. Mas não se imaginava fazendo o mesmo por ele.

Giustina apertara seu ombro e dissera baixinho:

— Não se preocupe, você vai descobrir a resposta.

Será que descobriria mesmo? Violetta era uma soprano, mas sem vigor, e, apesar de anos de ensaios e preces, ainda era difícil alcançar as notas mais altas das árias complicadas que tanto amava. Às vezes, sentia que o medo a segurava. Se conseguisse entrar para o coro e se livrar daquela ansiedade, talvez sua voz alcançasse seu potencial. Ela imaginava como seria cantar perfeitamente uma ária, se apresentar da forma como Porpora queria — ou melhor. Porém, quando pensava em perguntar essas coisas para Giustina, sabia que não saberia expressar suas dúvidas em palavras, da mesma forma que não conseguiria explicar as origens reprimidas de seus desejos.

Os melhores momentos se revelavam quando sentia a voz misturada às das outras cantoras. Quando sentia que fazia parte da música ao invés de estar sozinha. Nessas horas, queria permanecer exatamente onde estava, embalada pelo prazeroso abraço de uma canção.

Hoje, porém, o sonho a aprisionava, e ela não se sentia digna da música. Por que o maestro voltara logo agora?

Pelo menos a presença de Laura a reconfortava. Logo, as duas entraram em um ritmo: enquanto Violetta chegava às escalas mais altas, Laura prendia seu cabelo em uma trança mais elegante, mais apertada. A música estava tão entranhada nas garotas que transparecia em tudo que faziam: no tilintar sincopado de suas colheres batendo contra as tigelas no jantar, na percussão suave de seus passos a caminho da confissão noturna, no sussurro tenor de sua urina batendo contra as comadres de porcelana.

— Sustente as notas. Está tudo bem? — perguntou Laura enquanto prendia o cabelo da amiga. Ela deu a volta e parou diante

de Violetta, alisou uma mecha rebelde e assentiu para sua obra. Então ergueu o queixo da amiga, olhou em seus olhos e perguntou: — Você teve o sonho?

Violetta assentiu, ainda em silêncio, mas não por vergonha. Laura sabia que ela era frequentemente assombrada pelo mesmo sonho, algo que sempre lhe trazia muito sofrimento, mas nunca pedira detalhes. E Violetta nunca lhe contara; nunca perguntara a Laura sobre os sonhos tristes da amiga. De que adiantaria? Todas as órfãs sabiam tão pouco sobre o próprio passado, sobre a época em que eram *figlia di mamma* — filhas de uma mãe — e não *figlia degli incurabili* — filhas do Incuráveis.

Para Laura, era suficiente saber que Violetta tivera o sonho e que seu dia seria assombrado por aquele fantasma. Então, ela lhe deu a mão, criando uma reconfortante música secreta na pressão de uma palma contra a outra, no som de seus sapatos contra o piso enquanto corriam até a ponte.

A ponte era uma passagem curta, sem janelas, menor que uma gôndola, acessada pelo terceiro andar do dormitório. Ela se arqueava sobre o pátio e se conectava com o centro da igreja, dando em uma pequena antessala onde as coristas aqueciam as vozes, afinavam os violinos e testavam novas palhetas de oboé antes das apresentações.

Na extremidade da antessala, atrás de uma porta branca, ficava o cobiçado espaço do coro: a galeria musical. Um parapeito de mármore que batia na altura do peito circundava a galeria, e sobre ele ficava a famosa grade de latão com laranjeiras esculpidas, alvo do fascínio de grande parte do público. A grade servia para ocultar as artistas dos olhos da igreja lá embaixo — e vice-versa —, mas, sentada no andar inferior com as outras órfãs do conservatório, Violetta sempre conseguia identificar as coristas quando erguia o olhar.

Como elas pareciam poderosas e misteriosas por trás daquelas flores de laranjeira douradas. Violetta sempre quis ser uma delas. Ela suspeitava de que a maioria dos fiéis passava a missa inteira tentando enxergar os anjos que produziam música do outro lado.

— Pronta? — perguntou Laura ao chegarem à porta da galeria.

Sua garganta parecia estranhamente fechada. Ela apertou a mão da amiga.

— Não acredito que você saiu do ensaio para me buscar.

Os cantos da boca da outra garota se ergueram.

— Nós temos um acordo.

Laura abriu a porta branca, empurrando de leve os ombros da amiga, e as duas entraram. Violetta se abaixou atrás do parapeito. Não queria ser vista por Porpora ou pela abadessa, que conduzia a música da nave lá embaixo, até chegar ao seu lugar.

Era curioso ver como a galeria era pequena, apenas duas fileiras apertadas, com o nível superior sendo reservado para a organista e para os instrumentos de corda e sopro, e o inferior, para as cantoras. Ela logo percebeu que apenas metade das alunas do conservatório estava ali — as garotas de 14 anos ou mais, que já podiam ser promovidas para o coro. Cada uma se apresentava como se a vida dependesse daquilo. E lá vinha Violetta, como um cachorro perdido com o rabo entre as patas.

Laura fez sua entrada atrasada parecer algo sem muita importância, posicionando-se perto da porta, onde seu violino a aguardava. Ela o pegou e se juntou à música antes que Violetta conseguisse escolher a rota mais rápida para seu lugar na frente. Achou melhor abrir caminho entre as cantoras. A maioria chegava para trás para lhe dar espaço, preferindo dar logo um fim naquela distração. Nenhuma delas parou de cantar o “Alleluia”. Era uma peça rápida, com trechos de violino e tímpano que soavam bem em vários tipos de vozes — ora as contraltos, ora as sopranos.

Finalmente, ela chegou ao seu lugar, era a terceira antes do final da fila, entre Olivia e Reine. Olivia abriu espaço para deixá-la passar; a outra garota não moveu um músculo sequer. Violetta e Reine nutriam certa animosidade uma em relação à outra, desde que a novata chegara ao Incuráveis, um ano antes, e a inimizade delas só aumentara depois que Giustina escolhera as duas como alunas.

Reine não era veneziana. Nem mesmo órfã. Era filha de parisienses ricos que escolheram mandá-la para o Incuráveis. Não havia dinheiro no mundo que comprasse uma vaga para uma garota

rica da república. Apenas estrangeiras tinham permissão de pagar o preço certo para fingirem ser órfãs.

E ela gostava de provocar Violetta.

— Você sonha com o prostíbulo em que sua mãe a pariu, com o momento em que ela viu esses seus olhos esbugalhados e preferiu largá-la aqui?

— Minha mãe é a música — respondia Violetta com tanta convicção que silenciava a francesa. Então lutava para controlar a voz enquanto dizia uma verdade parcial: — Nos meus sonhos, ela canta.

Reine era uma cantora levemente melhor, mas agia como se fosse a maior estrela do coro. No dia em que Giustina abdicasse de sua vaga, apenas uma das duas se classificaria.

Violetta puxou o ar e tentou reunir toda a sua coragem. Então se ergueu ao lado de Reine, abrindo a boca para participar da canção.

— *Nei secoli dei secoli, nei secoli dei secoli. Alleluia.*

Seus olhos se arregalaram enquanto ela observava os arredores. Do outro lado da grade, a igreja era iluminada pelos fortes raios de sol que entravam pelo clerestório. Ela viu fileiras e fileiras de assentos vazios e tentou imaginar que cantava para mil pessoas. Seu peito se expandiu com uma alegria inesperada.

Ela viu o brilhante Tintoretto pendurado no pórtico, retratando Santa Úrsula e suas 11 mil damas virginais. A imagem era um lembrete sobre aquilo que as garotas do Incuráveis deveriam almejar: eram musicistas, sim — mas, antes de tudo, virgens.

Violetta notou o movimento rápido da cabeça da abadessa. Sua presença fora notada.

Ela assumiu sua expressão mais virginal, erguendo os olhos para os céus. Empertigou as costas, uniu as mãos sobre a barriga, estufou o peito. Acertou as notas com perfeição, de forma desafiadora. Pagaria por isso mais tarde, mas surras de vara e confissões públicas humilhantes faziam parte de sua vida havia anos. Era Porpora quem ela não devia irritar.

O convidado de honra estava parado ao lado da abadessa, balançando-se ao som da música, felizmente de olhos fechados. Ele não tinha qualquer interesse nas alunas do conservatório; só queria

escutar sua nova composição. Os nomes, as vozes, os talentos especiais e as limitações daquelas garotas lhe eram desconhecidos. Seu foco era dedicado apenas às escolhidas do coro.

Um homem rechonchudo de meia-idade, com bochechas coradas e redondas, e uma peruca branca esfarrapada, o maestro não parecia alguém capaz de compor músicas tão impressionantes. Não chegava aos pés de Vivaldi, cujo cabelo ruivo e olhar intenso cativaram Violetta quando vira seu retrato. Ela encontrara um desenho de seu rosto na biblioteca, na cópia de um libreto que ele escrevera para o coro rival do Ospedale della Pietà, do outro lado do Grande Canal. Mas quem era ela para julgar a aparência dos outros? O próprio rosto não crescera o suficiente para acomodar seus enormes olhos escuros, que a faziam se sentir como um besouro sempre que passava por seu reflexo em algum vidro. E ainda não tinha seios.

As notas das sopranos se tornavam mais agudas. Violetta teve de arquear as costas para soltá-las. Seu ombro esbarrou no de Reine, que lhe deu uma cotovelada nas costelas em resposta. O golpe a fez arfar, prendendo a voz, mas ela logo se recuperou, encarando a outra garota com irritação.

Agora, as meninas terminavam “Alleluia” e passavam para um recitativo, de canto mais fácil. As letras eram quase faladas, e as melhores contavam uma história. As musicistas pareciam relaxar, mas, conforme os lábios de Violetta se moviam nos versos memorizados, o coração seguia para uma canção diferente.

Eu sou sua, você é meu...

Ela tentou afastá-la da mente, reproduzir a concentração das colegas. Mas a música do sonho a possuiu, penetrando o recitativo. Queria ser cantada. De esguelha, Violetta viu cuspe voando da boca de Reine e a odiou. Reine, cujos pais mandavam grandes somas de dinheiro para a escola, assim como cartas enormes para a filha, lenços de renda embebidos em um perfume doce e enjoativo.

Reine, que não conhecia o abandono. Reine, que com certeza ocuparia sua vaga no coro.

Outro esbarrão. Violetta não sabia de quem fora a culpa, mas jogou o ombro para a frente, deixando a garota para trás. Reine também se adiantou, empurrando-a. Violetta desejou com todas as forças estar longe daquela galeria, daquela garota cruel, da canção do sonho que não conseguia parar de ouvir. E esses pensamentos a fizeram erguer o pé e pisar com força nos dedinhos endinheirados de Reine.

Ela teria apostado quase tudo que a outra garota continuaria cantando e ignoraria a dor, planejando uma vingança perversa para o futuro. Jamais imaginaria que a francesa soltaria um berro.

O som atravessou a catedral. Todas pararam no meio da nota, virando-se para fitá-la. A abadessa a encarou com um olhar feio e, com um único dedo erguido, expulsou Violetta dali.

— Para o confessionário.



Violetta não foi se confessar. Enquanto fugia da galeria e da antessala, enquanto atravessava a ponte de volta ao dormitório, pensava em como seria estar enfurnada nos aposentos do padre Marché e perdeu o fôlego. Ela precisava se acalmar, e só havia um lugar no Incuráveis onde conseguiria fazer isso.

Então seguiu para o sótão, mas, naquele dia, ao chegar à janela, sentiu-se presa pelo vidro, oprimida pela vista — tantos barcos na água, tantas pessoas tão livres. Seria necessário uma louca escapada.

A garota pressionou a vidraça com as mãos. Quando esta pareceu se mover, seus dedos passaram para a borda do vidro, perto do caixilho, e o balançaram. Ele se soltou, e, maravilhada, Violetta o removeu, apoiando-o na parede sob a janela.

O ar revigorante do outono entrou, convidando-a para o lado de fora. Teria coragem?

Mais tarde, conseguiria encarar o confessional. Mais tarde, poderia incluir o que estava prestes a fazer à sua penitência. Violetta arrastou uma caixa para perto, subiu nela. Levou um pé ao peitoril, depois o outro, até estar agachada sobre a janela.

Para manter o equilíbrio, segurou-se no caixilho enquanto se levantava do lado de fora do peitoril. O coração disparou quando seu peito ficou na altura do telhado. Ela secou o suor das mãos, esticou os braços e segurou a balaustrada baixa. Conseguia ver tão longe, até o imponente domo branco da basílica de Santa Maria della Salute, na extremidade leste de Dorsoduro. Conseguia ver o horizonte, aquela distância mágica em que a magnitude de Veneza se condensava em uma única linha maravilhosa. Violetta desejou andar por aquela linha, como o acrobata que vira atravessar o Campo Santa Margherita sobre um cabo esticado até a altura de dez homens.

Ela levantou a perna direita até o pé alcançar a beirada do telhado. Então cometeu o erro de olhar para baixo. A vertigem a paralisou. Por alguns momentos, não conseguiu se mover.

Mas então viu a roda, quase imperceptível, quatro andares abaixo. E pensou na mãe que abandonara o filho tantos anos antes. Chegara a hora de esquecer aquela noite. Talvez aquela canção continuasse surgindo em seus sonhos para sempre, mas ela não se tornara sua àquela altura? Por que não conseguia deixar para trás tudo o que vira?

O vento a impulsionou. Violetta cantou para ele enquanto forçava o corpo a subir.

*Eu sou sua, você é meu.
Mais uma volta e me torno o céu.*

Quando finalmente chegou à parte reta do telhado, a garota desabou de costas, encarando um céu tão azul, a ponto de seus olhos chegarem a doer. Ela queria rir de sua conquista, mas a necessidade de chorar venceu.

Maldita impulsividade, malditos ombros ossudos, maldito tornozelo tatuado. Será que aquela briga lhe custaria o coro? Será que poderia ficar ali em cima para sempre?

Violetta se levantou e olhou ao redor. Ventava muito, e o dia estava ensolarado. A luz do sol brilhava sobre o canal e fazia com que os barcos parecessem joias negras. Na Zattere, toldos brancos protegiam as pessoas que flertavam sobre os degraus de uma cafeteria. Do outro lado da água, a ilha da Giudecca acenava com sua fileira de *palazzi* altos diante da alameda, todos exibindo telhados laranja de terracota. Cones de ciprestes se projetavam sobre os jardins atrás dos portões de ferro.

Setembro mal chegara à metade, mas o ar já estava frio. O vento carregava fumaça, e as janelas dos apartamentos exibiam vasos de alecrim e verbena. Por trás desses cheiros, como sempre, havia o almíscar salgado dos canais.

A música atravessava o ar. Estava em todos os lugares, se você se desse ao luxo de escutá-la. Pela primeira vez, Violetta se sentia livre para absorver as melodias incríveis e acidentais de sua cidade. A batida dos remos contra a água, os gracejos animados dos mascates que vendiam melancias na Zattere. Lá vinha o *staccato* dos lençóis em um varal açoitado pelo vento. A garota fechou os olhos e ouviu tudo em dobro, da forma como Veneza sempre se repetia, espelhada pela água, como se Deus, na composição da cidade, tivesse determinado que ela devia ser tocada *forte*, com um vigor extra.

Risadas insolentes atravessaram aqueles sons e fizeram Violetta se agachar atrás do parapeito. Ela olhou para o oeste, para o prédio ao lado, cujo telhado ficava um andar abaixo. Seu esconderijo era desprovido de qualquer conforto, mas a cobertura vizinha era uma *altana* luxuosa — uma acolhedora varanda a céu aberto, tornada um pouco mais reservada por treliças árabes e trepadeiras de verbena. Toldos de couro protegiam uma dúzia de assentos. Em um canto, via-se um relógio de sol de bronze sobre um pedestal de mármore. Uma mesa de vime cheia de cremes e pomadas, bandejas de uvas e damascos, travessas de cristal lotadas de tortinhas.

Quatro mulheres ocupavam o espaço, descansando, descolorindo o cabelo ao sol. As cabeças estavam cobertas por chapéus especiais, cujas abas largas protegiam seus rostos, mas deixavam os cabelos expostos à luz. Violetta calculou que eram apenas um pouco mais velhas que ela, mas suas risadas a faziam se sentir como uma criança. Era um som carregado de sabedoria feminina, com um leve toque de hedonismo.

Será que ela já ouvira uma garota do Incuráveis rir com tanta animação? Não, nem mesmo Giustina, que conseguia chegar a quatro oitavas sem nenhuma dificuldade.

Violetta ficou hipnotizada com os complexos rituais de beleza das moças. Uma delas, com o rosto coberto por um creme azul-claro, erguia leques de renda de uma cesta, por fim escolhendo um roxo para abanar o ar do outono. Outra, cujo cabelo estava preso em bobes sobre o chapéu, pintava as unhas com laca prateada, bebericando o conteúdo de uma pequena xícara de cristal nos intervalos entre as camadas. A terceira se levantou da cadeira para verificar o progresso das madeixas enroscadas da quarta mulher, que abrigava uma imensidão de pulseiras tilintantes em um dos pulsos.

— Não mexa — alertou uma voz masculina. — Ainda não está seco.

Então Violetta notou os dois homens parados nas sombras. Eles usavam as perucas empoadas que eram moda entre os aristocratas. Suas calças em tons pastel combinavam com as blusas de seda e com as fitas amarradas em suas meias. A garota os encarou boquiaberta e maravilhada. Os homens eram *cicisbei*, um tipo estranho de criados fidalgos dos aristocratas de Veneza.

Ela ouvira as *zie* sussurrando sobre um homem que se tornara *cicisbeo* de um casal nobre e rico. O serviço pagava 70 cequins por ano, mais que o suficiente para um rapaz solteiro.

Mas o que exatamente ele *fazia*?, quisera saber outra *zia* — e Violetta também, escutando às escondidas com Laura. A primeira *zia* explicara que, quando o senador estivesse ocupado, o *cicisbeo* cuidaria de sua esposa da forma como ela desejasse.

As duas mulheres caíram na gargalhada, e Violetta sentira o rosto corar, mesmo sem saber por quê. Depois, na caminhada para angariar donativos de Natal, uma mistura de maré alta e chuva forte inundara as ruas — e ela interrompera seu canto entre as órfãs para observar um *cicisbeo* carregando uma dama no colo enquanto atravessavam uma *calle* cheia de água.

Pelos olhos da mulher e pela posição das mãos do criado, a garota entendera que havia mais ali do que apenas a recusa da dama em não molhar a saia. Pela primeira vez, Violetta vira o brilho da luxúria. O calor que subira por sua barriga a fizera sonhar com os braços do homem, só para saber como era ser desejada daquela forma.

Violetta não conseguia sequer imaginar como seria ter um amante. As garotas do Incuráveis usavam a expectativa da virgindade como um manto. Aquilo fazia parte do que as distinguiu das outras venezianas que se apresentavam nos palcos. As mulheres que cantavam em casas de ópera e bailes de máscaras eram consideradas imorais devido à natureza de suas performances; já as coristas eram diferentes, cantando à imagem das virgens vestais de Roma.

Bem, havia uma oportunidade de fazer sexo. Às vezes, homens pediam à abadessa um encontro com alguma corista que ouviam na missa, em busca de uma esposa para levar para casa. Para as moças mais novas, esses encontros eram objeto de fascínio, não apenas por envolver homens de fora do orfanato, e, sim, porque, quando uma participante do coro decidia se casar, uma vaga era aberta. Dois homens já tinham solicitado encontros com Giustina — ambos com o triplo de sua idade. A *sottomaestra* dissera a Violetta que ficara tão nervosa que não conseguira parar de rir. Para seu horror, os dois haviam deixado o Incuráveis ainda mais apaixonados. A bela e benevolente Giustina implorara à abadessa que recusasse os pedidos de casamento em seu nome. Ela ainda não estava pronta para deixar o coro.

Mas a jovem havia confidenciado a Violetta que, se o pedido tivesse vindo do jovem gondoleiro de cabelo escuro que ela sempre via pela janela a caminho do trabalho, teria pulado em cima dele na

mesma hora. Ela o encheria de beijos, tiraria a capa e mandaria para o inferno as hesitações pudicas da abadessa.

Giustina jamais faria isso de fato — mas Violetta ficara reconfortada só por saber que alguém tão nobre e bondoso quanto sua *sottomaestra* também desejava algo *mais* inalcançável. E tentara imaginar Giustina pulando em cima do rapaz do *traghetto*. As possibilidades a fizeram se revirar na cama.

Se, em um futuro distante, algum homem solicitasse um encontro com ela, Violetta também imploraria à abadessa que recusasse. A última coisa no mundo que queria era ser esposa de um velho e mãe de seus filhos. Violetta jamais se casaria. Não correria o risco de fazer com uma criança o que fizeram com ela. O abandono estava em seu sangue, era sua única herança; ela não permitiria que isso se manifestasse.

Na *altana*, os *cicisbei* enchiam copos. Violetta memorizou a forma como serviam água gelada, depois um pouco de álcool e, então, uma gota de algo opalescente. Será que aquilo era *acqaioli*? Como ela queria estar do outro lado, uma turista naquele reino exótico, tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

— Bálsamo de limão?

Os *cicisbei* ofereciam colheradas da substância para adoçar o hálito. Seguravam sombrinhas sobre o decote das mulheres enquanto elas se examinavam em espelhos incrustados com joias. Eles retocavam a maquiagem e riam de piadas. Elogiavam os coques altos das amas, a localização sedutora de suas pintas falsas, o âmbar-gris que lhes perfumava o pescoço.

— Maravilhoso. — Eles aplaudiam. — *Che bellezza*.

— As senhoras ficaram sabendo — começou um deles em um tom alto e animado — que Annalisa Feltrinelli foi vista sentada à mesma mesa de apostas que o marido ontem à noite?

Quando as mulheres arfaram, o segundo homem soltou uma risadinha.

— E *ficou* lá. Dizem que jogou três partidas de gamão com ele.

— E *perdeu* — acrescentou o primeiro, passando pó nas próprias faces quando as mulheres não estavam olhando.

— Ora, mas que azar. — Uma delas sorriu para o próprio reflexo, seu cabelo ruivo natural secando e tomando o desejado tom de louro escuro. — A única ocasião em que serei vista no mesmo ambiente que meu digníssimo será no enterro dele.

Violetta abafou a risada com uma das mãos. Queria que Laura tivesse escutado aquilo. A aristocracia de Veneza era famosa por sua falta de moral, por suas discretas indiscrições. A abadessa tentava proteger as garotas do Incuráveis, mas sexo e paixão eram os assuntos favoritos das duas amigas. Na missa, elas se cutucavam, observando os olhares errantes das mulheres casadas sentadas longe dos maridos.

Mas o que Laura faria se Violetta a trouxesse para o telhado? Pegaria seu rosário e a faria jurar que não voltaria àquele lugar, que não arriscaria sua vaga no coro mais uma vez? Fazer fofoca era uma coisa, mas subir às escondidas para o telhado era outra completamente diferente.

— Se você gostou dessa — disse uma voz atrás de Violetta —, espere até Fiona tomar outra dose.

Ela se virou. E se viu diante de um garoto magricela e louro, mais ou menos da sua idade. Ele sorria como se os dois tivessem ouvido a mesma piada.

Os olhos de Violetta se estreitaram. Ela jogou os ombros para trás, como fazia quando se preparava para cantar, quando juntava o ar todo no peito.

Será que ele a seguira até ali? Com ordem de quem? Seu coração estava disparado, mas ela se esforçou para conciliar o bom humor refletido naqueles olhos extremamente azuis com a sensação de tragédia iminente.

O garoto não possuía qualquer ar de autoridade. Os dois tinham a mesma altura, e ele era quase tão magro quanto ela, apesar de suas mãos e seus pés serem imensos, como os de um filhote de cachorro. O cabelo, que precisava de um corte, exibia uma cor incomum entre os venezianos, o louro claro almejado pelas mulheres na *altana*. Ele usava a fina blusa de linho e a fina calça de algodão do orfanato, mas parecia velho demais para morar no Incuráveis. Violetta achava que garotos naquela idade já teriam

saído dali para trabalhar — mas, por outro lado, não sabia nada sobre as regras da ala masculina. Sua única certeza era de que não pareciam tão restritivas quanto as da feminina.

Tudo que ela tinha visto dos garotos do Incuráveis eram raros vislumbres do outro lado do pátio. Quando as meninas passavam sob a *loggia*, a galeria coberta no térreo, que se abria para o leste do pátio, eram obrigadas a caminhar em silêncio, em linha reta, com a cabeça baixa, fitando o chão. Certa vez, Violetta escutara os passos rápidos de dois meninos correndo sem supervisão do lado oposto e erguera a cabeça. A liberdade daquelas pernas jovens a fizera parar.

A abadessa lhe dera uma bronca, a obrigara a usar o capuz da capa na vez seguinte que atravessaram a *loggia*, em uma tentativa de bloquear sua visão, o que não detivera Violetta, cuja curiosidade não tinha limites. Na segunda transgressão, ela levara uma surra. Depois disso, tentara apagar os meninos de sua memória e deixar que vivessem em seu mistério. Pensar neles era doloroso, então ela não fazia isso; os garotos podiam deixar o orfanato, e Violetta invejava essa liberdade.

Agora, um deles estava parado bem ali, e sua inveja se transformou em desconfiança.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Não quis assustar você — respondeu o garoto. — Quando Fiona bebe demais, começa a dar conselhos. — Ele falava rápido e fazia gestos amplos com as mãos, parecendo um maestro. — Vale a pena esperar para assistir ao espetáculo. Não que você precise dos conselhos dela. Quero dizer...

— Quem é você? — perguntou Violetta.

A pele entre os olhos azuis do garoto se enrugou. Isso a fez perceber como soara fria e repreensiva.

— Não vou dedurar você. Pode me chamar de Mino. Se quiser. Mas você subiu aqui para ficar sozinha. Vou embora. Desculpe...

Havia algo familiar nele. Talvez fosse a maneira como falava, sem parecer pensar antes de deixar as palavras saírem. Violetta se sentia mais próxima daquele garoto do que esperava, e não sabia se gostava disso ou não. Ele devia ser assim com todo mundo, tão

extrovertido com desconhecidos quanto ela era introspectiva, às vezes até com as próprias amigas.

— Sente-se — disse ela. E ficou surpresa com o próprio convite. Mino se acomodou próximo ao local onde ela havia estado, passando os braços compridos e magros sobre o parapeito. O garoto parecia tão à vontade que Violetta começou a observar o telhado com outros olhos e viu que aquele espaço também era dele. Esperava que a percepção a fizesse se sentir invadida. Em vez disso, se sentiu menos solitária. Havia encontrado um semelhante. Ela se sentou ao seu lado. Olhou para o joelho do garoto, a um palmo de distância do seu, e sentiu uma palpitação no peito. Laura o acharia bonito. Ela não tinha certeza. — O que mais Fiona sabe? — perguntou, gesticulando com a cabeça para a ruiva, cujo *cicisbeo* limpava o alvejante de seu cabelo com uma esponja.

Mino sorriu, um sorriso que envolvia não apenas a boca, mas também os olhos, as bochechas e até as orelhas. Seu comprometimento com a expressão era tão completo, tão radiante, que Violetta precisou afastar o olhar, como se tivesse vislumbrado o sol surgindo por trás das nuvens de um céu nublado.

— Depende — respondeu ele. — Você quer ter um caso amoroso ou noivar com um homem que não ama?

— As duas coisas — respondeu Violetta, e riu.

Mino ergueu o queixo, empertigou os ombros e estreitou um olho em uma imitação quase perfeita de Fiona.

— Se quer discrição, sempre troque de gôndola pelo menos três vezes.

Ele imitara a voz da mulher com tanta exatidão que Violetta aplaudiu, batendo palmas sem qualquer ironia. Ela se sentia como uma menina de 5 anos assistindo a um artista de rua. Queria mais.

— Pois bem, agora estou noiva de um comerciante velho e horroroso que só tem dois dentes. — Os olhos de Mino brilhavam enquanto ele pigarreava e afinava a voz de novo: — Como você poderá aproveitar os requintados prazeres da viuvez se nunca se casar?

— Pare — implorou Violetta, rindo. — Que assustador.

— Até parece — disse ele, fitando-a de esguelha. — Você é corajosa demais para sentir medo de algo assim.

— Você não me conhece — rebateu a garota.

Talvez ela fosse impulsiva, e com certeza era descuidada, mas nunca pensara em si como corajosa. Violetta se viu remoendo a palavra, gostando daquilo.

— Você está aqui, não está? — argumentou Mino.

— Você também.

Ele balançou a cabeça.

— Mas eu não tenho uma tatuagem no tornozelo. Não tenho treinamento musical. Ninguém perceberia se eu desaparecesse.

Ela ficou séria, lembrando-se do que havia acontecido na galeria.

— Acho que iriam preferir que eu tivesse desaparecido de vez.

Mino inclinou a cabeça, arregalando os olhos.

— Foi você que quebrou o dedo da Reine?

Violetta ficou boquiaberta.

— Eu quebrei o dedo dela? Nunca vou entrar para o coro. — A garota baixou a cabeça, angustiada. — E vão me obrigar a cortar o cabelo de novo.

Anos antes, ela fora pega escrevendo as próprias letras sobre a partitura de uma cantata. Como castigo, tivera de ajoelhar diante das outras órfãs em uma confissão pública, rezando por perdão enquanto a abadessa cortava seu cabelo com uma faca de cozinha. Desde então, nunca mais escrevera canções; ela tentava ignorar as próprias ideias para novas melodias.

A infração de hoje era bem mais grave do que compor músicas. Ela quebrara um osso da única não órfã rica do Incuráveis. Havia jogado tudo no lixo.

Mino puxou de leve sua trança, um gesto breve que a garota continuou sentindo depois que acabou. Ela ergueu o olhar. O sorriso dele havia desaparecido.

— Minha mãe tinha cabelo curto — comentou o garoto em um tom de voz gentil.

— Você se lembra dela? — sussurrou Violetta.

— Não muito, mas eu me lembro disso. Da sensação de tocar os fios. — Ele respirou fundo. — Você já percebeu que ninguém aqui

fala sobre mães?

Violetta engoliu em seco.

— Talvez ninguém tenha nada a dizer sobre elas.

Mino a encarou.

— Você não se lembra da sua?

— Não penso nisso.

Ela ficou com vergonha e olhou para baixo.

— Vou encontrá-la um dia — disse Mino. — Minha mãe.

— Como?

— Farei tudo o que puder.

Os dois ficaram em silêncio. Violetta não sabia se sentia pena do garoto ou admiração por ele. A única certeza que tinha era que seus objetivos eram diferentes. Ela não sabia como responder.

— O que eu quis dizer — continuou Mino — é que você continuaria bonita com o cabelo curto.

As bochechas de Violetta queimaram.

— Pelo menos nunca vai ser igual a elas. — O garoto indicou a *altana* com o queixo.

Violetta percebeu que aquelas mulheres elegantes, na opinião de Mino, eram ridículas. E ali estava ela admirando-as, invejando sua transformação. Não queria que ele soubesse disso.

— Elas desperdiçam muito tempo tentando ficar parecidas com você — comentou a garota. — Veneza adora louros.

Violetta se surpreendeu ao esticar a mão para tocá-lo. Sentiu o calor de seu couro cabeludo sob o sol, a maciez do cabelo fino. Ela nunca fizera nada parecido com isso. Nunca tivera a oportunidade de tocar um garoto. Mas o gesto parecia tão natural que não queria se afastar dele. Mino inclinou-se na direção do toque e a encarou. Ela baixou a mão.

— Não se preocupe com Reine — disse ele, falando mais baixo. — Os pais dela vão mandar um dedão novo. Feito de ouro. — O garoto fingiu um sotaque francês tão convincente quanto sua imitação de Fiona. — Deve ser fácil encontrá-los em Paris, não?

Violetta riu, sentindo-se melhor, como se talvez fosse capaz de descer e enfrentar as consequências de suas ações. Mas, então, começou a se perguntar...

— Como você sabe o nome da Reine?

— Nós sabemos o nome de todas. Vocês são famosas.

— As coristas são famosas — corrigiu ela.

As órfãs do conservatório não eram ninguém por enquanto. No caso de Violetta — especialmente depois de hoje —, era bem provável que continuasse sendo ninguém pelo resto da vida.

— Vocês têm um futuro aqui — falou Mino. — Têm valor para a igreja. Nós somos apenas bocas para alimentar. Eles enfiam dez de nós em um quarto e se esforçam ao máximo para nos ignorar até poderem botar a gente para fora. Mas você — ele ergueu uma sobrancelha, o que o fez parecer absurdamente bonito —, você é Violetta, assistente da renomada soprano Giustina. Futura...

— Futura ninguém.

Ela não conseguia acreditar que aquele garoto sabia seu nome.

— Ora, isso não soa bem. Como suas amigas chamam você?

Mino fez parecer que Violetta tinha muitas amigas, como se todas elas tivessem se reunido e inventado um apelido. Laura a chamava pelo nome. Ninguém mais fazia muito esforço para conversar com ela.

Mas a jovem não queria estragar a imagem que Mino tinha dela, por mais falsa que fosse. Queria ser a garota para quem ele direcionava aquele olhar tão cheio de expectativa. Então disse a primeira coisa que lhe veio à mente, o nome de sua velha boneca, com quem costumava se imaginar fugindo dali, desaparecendo noite afora.

— Pode me chamar de Letta.

— Gostei.

Os dois ficaram imóveis, se encarando. O que aconteceria se ela tocasse o cabelo dele de novo, se deixasse os dedos descerem pela lateral de seu rosto? As bochechas de Mino eram lisas, sem nenhum sinal de barba, e Violetta gostava daquela aparência jovem e inocente, como a sua, apesar de o ar selvagem dele lhe fazer parecer mais velho. Queria conhecê-lo melhor, voltar ao telhado e se aproximar dele.

Quando Mino afastou o olhar, ela sentiu vergonha, como se ele tivesse visto o desejo em seus olhos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A canção da órfã"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).